

RUTE E NOEMI

O resgate das leis na defesa das relações afetivas e a união civil entre peessoas do mesmo sexo

José Josélio da Silva

1. Introdução

Ao fazer a primeira abordagem do livro de Rute¹, passou-me quase despercebido que esta estória poderia ser lida na ótica da homoeroticidade, como uma leitura positiva para as relações entre pessoas do mesmo sexo, sejam estas relações homoafetivas ou homoeróticas². Eu digo quase porque, apesar de não ter abordado este assunto naquele período, cheguei à conclusão que esta era uma história de duas pessoas do sexo feminino, que lutavam pela sobrevivência e dignidade, em um mundo marcado pelo patriarcalismo e propriedade. Era também a história de mulheres excluídas do mundo em que viviam e que estavam lutando pelo resgate de leis que poderiam mudar as suas vidas e trazer de volta a doçura em vez da amargura. Do mesmo modo que tantas pessoas do mesmo sexo, que vivem relacionamentos estáveis, lutam pelo reconhecimento dos direitos civis de suas relações em busca de conforto e sedimentação de suas vidas conjugais.

Não quero aqui analisar os ensinamentos morais de qualquer igreja a respeito do casamento entre pessoas do mesmo sexo ou do reconhecimento de uma união estável entre pessoas do mesmo sexo (o que não é propriamente um casamento). Primeiro, porque este não é o objetivo neste artigo. Segundo, porque acho que esta é uma questão de direitos sociais/humanos, que deve ser refletida por toda a sociedade sob o ponto de vista da ética e da cidadania, levando em consideração os aspectos dos direitos humanos dentro de um estado social de fato e não unicamente sob o ponto de vista da doutrina e da moral das religiões e mais especificamente das igrejas cristãs. Não que as diversas doutrinas e suas diversas morais não possam contribuir com o debate e até, através dele, rever determinadas posições moralistas que só fazem aumentar a homofobia e a ignorância das pessoas em relação a tal assunto. Creio que o papel das igrejas é também fomentar o debate sobre temas “tabus”, esclarecendo e desmistificando certos “pré”-conceitos, ouvindo e acolhendo, em vez de julgar e condenar seus membros. Creio que uma linguagem de acolhimento e inclusão tem um poder curador sobre os

1. SILVA, J. Josélio. *O livro de Rute, uma história de esperança*. São Leopoldo: CEBI, 2003.

2. As palavras “homoafetiva” ou “homoafetividade” são usadas aqui para expressar as relações de afeto entre pessoas do mesmo sexo. Neste mesmo sentido é usada a palavra “homoerotismo” pelo dicionário Aurélio: homoerotismo: tendência a orientar a libido para indivíduo(s) do mesmo sexo, ou obter deste(s) satisfação erótica. – FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio do Século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3ª edição, 2003. Para uma melhor compreensão e justificação do uso destes termos, e não simplesmente dos já conhecidos homossexual, homossexualidade e homossexualismo, ver COSTA, Jurandir Freire, *A face e o verso – estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Editora Escuta, 1995.

corpos e as mentes das pessoas, ao contrário das linguagens de violência e exclusão que ferem e maltratam as mesmas.

Além da discussão sobre a legalização de uniões entre pessoas do mesmo sexo, vejo outro fenômeno acontecer no Brasil. Já não é mais possível ignorar a parada GLBTS (*gays*, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e simpatizantes), com a presença de mais de um milhão e quinhentas mil pessoas, ocorrida em junho de 2004 em São Paulo³ e as mais de 40 paradas que aconteceram nas grandes e médias cidades em todo o Brasil durante este ano. Estas pessoas estão gritando, clamando pela liberdade de expressão e de igualdade social nas suas relações homoafetivas, estão lutando apenas por questões de direito e dignidade. Acho que chega ao Brasil, antes tarde do que nunca, mas em um momento muito propício, a vez de escutarmos o que estas pessoas têm a dizer.

Aliás, as igrejas deveriam ser, sempre, espaços de acolhimento para os pobres, os mansos, os aflitos, os que têm fome e sede de justiça, os misericordiosos, os puros de coração, os que promovem a paz e os que são perseguidos por causa da justiça (Mt 5, 3-10). Creio que muitas destas pessoas que tiveram a coragem de “sair do armário” e irem às ruas, protestando contra a discriminação e mostrando-se dignos na sua orientação sexual, se enquadram em pelo menos uma dessas bem-aventuranças. As igrejas são também chamadas a “saírem dos seus armários” e adotarem uma postura aberta para com estas pessoas. Este é um questionamento que já se faz sentir dentro das igrejas no mesmo tom profético no qual Jesus questionava as tradições moralistas das elites religiosas judaicas.

“Uma igreja no armário é uma igreja que mantém uma atitude ocidental negativa em relação ao corpo e a sexualidade. É uma igreja que mantém paradigmas hetero-patriarcais, e dá legitimidade a esta estrutura de poder através do discurso moralista religioso adotado através dos séculos. *Gays e lésbicas representam realmente um teste particular para a igreja.* Para aceitar aqueles que estão fora do sistema dominante, significa que a própria igreja estaria conseqüentemente na mesma posição. Entretanto é hora de quebrar o silêncio em todos os sentidos. O mundo não pode mais esperar; aqueles que estão sofrendo não podem mais esperar. É o momento de a igreja exercer seu chamado profético e dirigir-se para os verdadeiros problemas de nossa sociedade”⁴.

É estranho que, em encontros das igrejas sobre violência nas famílias, não se incluam os casos de rejeição praticados pelos pais, mães, irmãos e irmãs contra seus parentes abertamente não heteronormativos. Em especial, gostaríamos de falar dos adolescentes que muitas vezes são violentadas/os pelos pais ou irmãos e/ou são expulsos

3. Em maio de 2005 a Parada GLBTS de São Paulo teve a presença de quase dois milhões de pessoas e o tema proposto foi exatamente a união civil entre pessoas do mesmo sexo e a igualdade de direitos destas uniões em relação às uniões heterossexuais atualmente reconhecidas. A propósito, o projeto de união civil entre pessoas do mesmo sexo tramita na câmara há dez anos.

4. RIBAS, Mario. “*The Church in the Closet*” In STUART, E.; WALTON, H.; LOUGHLIN G. (Orgs.); *Theology & Sexuality*. n. 10.2. London: Continuum, 2004, p. 85-86. Grifo nosso. As traduções foram feitas pelo autor.

de suas casas quando resolvem “se abrir” com suas famílias. É estranho que em debates sobre inclusão nas igrejas, as pessoas gays, lésbicas e bissexuais sejam sempre excluídas, ou melhor, muitas vezes não sejam nem citadas, expressando uma exclusão tácita sobre o assunto. É estranho que igrejas que se dizem anunciadoras da boa nova continuem a pregar as velhas histórias do sexismo, do patriarcalismo, da divisão de classes, da violência “mascarada” contra “homossexuais” e a exclusão destas pessoas de suas próprias comunidades. O que os corpos destas pessoas violentadas têm a dizer sobre a exclusão que sofrem por conta de suas preferências sexuais? Como estas pessoas lêem e encaram os textos bíblicos que falam de violência, sofrimento e exclusão por questões de sexo, preferências sexuais e diferenças de papéis de gênero⁵?

Nos últimos vinte anos, em especial na América do Norte e Europa, alguns teólogos/as tem refletido esta questão do ponto de vista das pessoas gays/lésbicas/bissexuais/travestis/transsexuais (GLBT). Esta reflexão foi motivada pelo movimento contra-cultural *queer*. *Queer* é uma palavra inglesa que significa ao pé da letra: estranho, esquisito e pejorativamente é usada para se referir a pessoas que estão fora das heteronormatividades. Este movimento envolveu: política, moda, literatura, fotografia, artes, música e cinema e influenciou a filosofia e a teologia através da “teoria *queer*” e da “teologia *queer*” que refletem a vida a partir do ponto de vista dos diferentes, ou seja, dos que para a sociedade são “estranhos”, “fora dos padrões”, “fora das normas” e são considerados *queer* por serem diferentes.

Como a comunidade GLBT pode se apoderar dos textos sagrados, fazendo uma leitura mais positiva e contextualizada, partindo das suas relações homoeróticas? Esse texto pretende ser apenas uma tentativa de resposta a esta pergunta. A intenção é fazer um exercício de leitura do livro de Rute com outros olhos, com os olhos de quem sofre a exclusão, a discriminação, o preconceito e a intolerância todos os dias, mas, que nem por isso perde o encanto e a esperança em viver dias melhores. Vamos fazer juntos/as uma leitura homoafetiva e homoerótica deste livro e espero que esta leitura possa contribuir com o debate sobre as relações entre corpos do mesmo sexo, ou seja, pessoas corporificadas, sejam estas relações afetivas e/ou genitais.

2. Um olhar diferente sobre o texto bíblico

Vale lembrar que o livro de Rute é uma ficção, e melhor dizendo, é uma novela. Como novela, independente da época em que foi ambientada, tenta retratar aspectos da vida cotidiana. Então já poderíamos esclarecer que Rute é uma novela, ambientada na época dos juízes, que retrata a situação de vida das mulheres no período pós-exílico. Está recheada de muitas tradições antigas das tribos de Israel e que foram sendo preservadas através dos séculos. Algumas destas tradições estavam sendo esquecidas e é em defesa da vida que os protagonistas resgatam estas antigas leis.

5. HELMINIAK, Daniel A. *O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade*. São Paulo: Summus, 1998. Este tem sido um dos livros mais divulgados no Brasil sobre Bíblia e Homossexualidade. Basicamente ele faz um resumo dos mais recentes estudos destes textos: Bailey, Boswell, Boughton, Coutryman, Furnish, Hays, Horner, Miller, Petersen, Scroggs e Wright. Estes autores trabalham o que se costuma chamar de “textos de terror”, ou seja, aqueles textos pegos em primeira mão para condenar biblicamente a homossexualidade.

Rute é um livro que nos conta histórias de amor e relacionamentos entre Noemi, Rute e Booz. Porém, se olharmos com atenção, veremos que as protagonistas da história são Rute e Noemi. Na verdade, Rute é a verdadeira heroína desta história resgatando para Noemi a alegria da vida e dando a esta uma descendência. Levando em conta o contexto patriarcal da narrativa, caso Noemi tivesse um marido, ela não estaria desamparada e ainda haveria esperanças de ter um filho; do mesmo modo que filhos poderiam lhe dar netos e resgatar a descendência de sua família. Afetivamente, Noemi não parece sentir falta de um varão, a não ser para o aspecto da procriação ou para se proteger dentro do seu mundo patriarcal. Porém, ela sabe que, na sua idade, seria muito difícil encontrar alguém que quisesse desposá-la e que seria mais fácil para uma pessoa mais jovem, como é o caso de Rute, encontrar alguém que quisesse exercer as leis do resgate e do levirato.

A escravidão era algo permissível durante muito tempo em Israel, mas um israelita não poderia ser escravo de outro. Quando alguém estava endividado e, por ser pobre, precisava penhorar sua vida, tornando-se escravo ou servo de seus próprios compatriotas (Nm 5,1-5), o parente mais próximo tinha o dever de resgatá-lo (Lv 25,47-49). Ainda hoje, a venda de pessoas⁶ é uma prática observada nas famílias pobres de diversos países. A lei do resgate defendia a família impedindo que seus membros fossem vendidos desta maneira. No livro de Rute a referência é feita à pobreza de Noemi e também estava ligada ao direito de resgate das terras de sua família. Já a lei do levirato (levi = cunhado)⁷ consistia em que se uma mulher fosse viúva, o irmão mais próximo do falecido deveria suscitar-lhe uma descendência. O filho que nascesse seria não dele mesmo, mas do falecido (Dt 25,5-10). A observância desta lei se restringia apenas ao irmão filho do mesmo pai. Não se trata da grande família, do clã, mas da pequena família. O livro de Rute parece propor uma fusão entre estas duas leis⁸.

Rute é uma moabita, e na memória deste povo deveria estar gravada a etiologia do incesto das filhas de Ló (Gn 19,30-38), as quais, em noites diferentes, cada uma fez seu pai beber vinho e embriagar-se, para logo depois dormir com ele, em uma narrativa muito semelhante à de Rute e Booz na eira. Ironicamente é desta subversão do tabu do incesto (Lev 18,16; 20,21) que a narrativa do Gênesis diz surgir os moabitas e os quenitas. Uma outra história semelhante é o caso de Tamar, que, cansada de esperar pelo cumprimento da lei do levirato, passa por uma prostituta e seduz seu sogro Judá, garantindo para seu falecido esposo uma descendência (Gn 38). Esta história também poderia ser considerada um incesto já que, uma vez viúva, Tamar estava sob a proteção do seu sogro Judá, sendo considerada pelas leis tribais como sua filha e sua propriedade. Em outras palavras, Judá era dono do corpo de Tamar do qual não ousava desposar,

6. Em países como o Sri Lanka, os pais vendem seus filhos para sustentarem a família que resta. Esta é uma prática socialmente aceita, apesar de o governo deste país e instituições no mundo inteiro fazerem pressões para que isto não aconteça. Poderíamos pensar também na venda e tráfico de corpos ou de partes destes e do seu uso pela medicina, prática que tem crescido nas sociedades pós-modernas.

7. Esta lei parece tolerar que o cunhado se furte a este dever: Gn 38; Mt 22,23s. É também uma violação, ou pelo menos uma exceção, às regras do incesto encontradas no livro do Levítico 18, 16 e 20, 21.

8. MESTERS, Carlos. *Rute*. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 41-59.

suponho que por conta de sua relação vertical. Mas o texto bíblico não parece dar muita relevância ao fato destes atos sexuais serem incestuosos. “O coito, em si mesmo, não têm nestes relatos nenhum tipo de pecaminosidade ou malícia especial, nem a conotação de algo sujo e indigno como terá depois em nossa cultura ocidental cristã”⁹. Na verdade, o que é mais importante aqui é o cumprimento da lei do levirato. Uma descendência para o falecido, na prática, garantiria a vivência de uma vida digna para as viúvas neste tipo de sociedade. É importante ressaltar que tanto Tamar como Rute estão presentes na genealogia de Mateus (1,3-5). Elas são colocadas como ascendentes de Davi e de Jesus, o que me parece um elogio à sua luta pelo cumprimento das leis.

Do mesmo modo que Tamar, Rute e Noemi não ficaram esperando pelo cumprimento das leis e também subverteram a ordem de preferência da lei do resgate/levirato, que, por direito, deveria ser exercido por sua sogra Noemi em relação ao outro parente mais próximo e não primeiramente a Booz. As duas mulheres combinaram um jeito de envolver afetivamente o bondoso Booz. Então, Noemi incita Rute a dormir com ele. As duas são muito sutis em seu plano para envolver Booz no futuro de sua família. Parece que Noemi conhecia muito bem a resistência que as pessoas tinham em cumprir a lei do levirato (Dt 25,5-10) e esta parece ter sido muito forte no período pós-exílico, principalmente envolvendo casamentos com estrangeiras, pratica muito comum no período do exílio e do pós-exílio. Rute e Noemi usaram de artimanhas para verem cumpridos os seus direitos em peripécias muito parecidas com as usadas por Tamar¹⁰. Observemos então as palavras de Noemi em 3,3s:

“Lava-te, pois, e perfuma-te, põe teu manto e desce à eira, mas não te deixes reconhecer por ele, até que ele tenha acabado de comer e beber. Quando ele for dormir, observa o lugar em que está deitado; então entra, descobre seus pés e deita-te; e ele dirá o que deves fazer.”

Há, aqui, um bonito jogo de sedução, ela se lava e usa perfume, põe um manto para não ser reconhecida (assim como fez Tamar) e para se proteger do frio, aguarda o momento propício, ou seja, quando Booz estivesse sonolento pela embriaguez do vinho (assim como fizeram as filhas de Ló). Ela observa todos os seus passos sem deixar que seja observada e marca o lugar aonde Booz vai dormir, para não confundir-lo com outra pessoa. Então, ela vai e descobre os seus pés, um eufemismo para órgãos genitais. Altas horas da noite, Booz estremece e a vê deitada a seus “pés”. Estaria aqui já consumada a relação sexual entre os dois e possivelmente garantida a perpetuação da família? É possível que sim, principalmente se compararmos esta narração com a das filhas de Ló, no qual o ato foi consumado sem que Ló percebesse. É evidente, também, pela preocupação de Booz em encobrir que passou a noite junto com Rute, que uma relação sexual pudesse ter acontecido naquela noite na eira.

9. BENETTI, Santos. *Sexualidade e erotismo na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 42.

10. Conferir Esd 9–10. Imagina-se que a expulsão das mulheres estrangeiras não tenha sido tão fácil, inclusive porque havia opositores quanto a esta decisão e o povo era numeroso. É neste contexto de oposição ao governo de Esdras e Neemias que melhor se enquadra a versão final do livro de Rute.

Eilberg-Schwartz nos esclarece que:

“O ‘descobrimento dos pés’ tem um amplo significado, sugerindo que Rute expôs os órgãos genitais de Booz. Quando Rute pede a ele para cobri-la com seu manto, a implicação é de que está acontecendo tanto um casamento quanto uma relação sexual. De fato, a imagem de estender o manto refere-se a como ele suspende suas vestes e a cobre durante a relação sexual”¹¹.

Mas Rute quer mais, ela quer garantias de que esta criança crescerá e sobreviverá aos padrões patriarcais da sociedade. Padrões no qual uma mãe solteira poderia ser confundida com uma prostituta (Gn 38,24), o que não é muito diferente dos padrões de nossa sociedade atual e dos padrões da história das sociedades. Isto demonstra que estas leis, exercidas separadamente, já não estavam atendendo às necessidades do povo. Então, ela diz a Booz: “Estende teu manto sobre tua serva, pois tens o direito do resgate” (Rt 3,9). Com as palavras “estende teu manto”, Rute esta pedindo a Booz que exerça o seu direito de resgate já que o levirato possivelmente já tinha sido cumprido. Não necessariamente seria um acordo de convivência com a desposada, mas o que Rute quer, neste caso, é que o direito/dever sejam exercidos mutuamente, o que pode não ser um bom negócio para quem compra os bens, pois estaria comprometendo o patrimônio do resgatador (*go'el*) e desfalcando a herança dos possíveis filhos de outra relação. Booz retruca, a princípio, dizendo-lhe existir um outro parente mais próximo. Booz não torna pública sua relação com Rute na eira (3,15) e parece tentar convencer o seu rival a desistir do resgate colocando o levirato como uma imposição. Quando o outro parente desiste do resgate para não comprometer seu patrimônio, então o caminho está aberto para que Booz possa ser solidário com Rute e Noemi.

Booz exerce o direito do resgate, ao comprar de Noemi as terras que pertenciam a Elimelec e a seus filhos, sem a preocupação de comprometer seu patrimônio, pois, ele sabe que estará dando a Rute um filho, o qual será o herdeiro da herança de Elimelec. Ao mesmo tempo Booz adquire Rute como mulher não propriamente para ser sua esposa, mas, com a finalidade de perpetuar o nome do falecido Maalon a quem pertencerá a posteridade. A relação entre Rute e Booz me parece estar longe de ser uma relação amorosa. É primeiramente uma relação heteronormativa e patriarcal para preservar a descendência e a terra da família. Booz é apresentado como um bom homem, cumpridor dos deveres das leis judaicas, bondoso com as viúvas e órfãos, mas não como um amante. A relação sexual parece mais uma relação jurídica de compra e venda de uma propriedade, na qual incluíam-se as mulheres, pois era assim que estas eram vistas na sociedade judaica, como uma propriedade do pai ou do marido. Dentro destes padrões patriarcais, elas estão agora sob a proteção de Booz.

“Sois testemunhas hoje de que comprei da mão de Noemi tudo o que pertencia a Elimelec e tudo o que pertencia a Quelion e a Maalon; ao mesmo tempo adquire por mulher Rute, a moabita, viúva de Maalon, para perpetuar o nome do falecido

11. EILBERG-SCHWARTZ, Howard. *O falo de Deus e outros problemas para o homem e o monoteísmo*. Rio de Janeiro: Imago, 1995, p. 137.

sobre sua herança e para que o nome do falecido não desapareça do meio de seus irmãos nem da porta de sua cidade. Disso sois testemunhas hoje” (Rt 4,9-10).

Porém a relação de amor e compromisso se dá em todo o livro entre Rute e Noemi que nem mesmo as diferentes nacionalidades, as diferentes religiões e os diferentes sangues familiares puderam sufocar.

“O motivo da opção de Rute por Noemi é o amor. Não há outros interesses. Rute não procura vantagem própria. Não há nenhum lucro nem ganho em vista, pois optar por um povo entregue à morte não traz vantagem alguma. Pelo contrário, esta opção leva Rute a renunciar a tudo aquilo que faz a alegria da vida dos outros: descanso, casa, marido, filhos (1,9.13). O único interesse de Rute é poder amar a sua sogra, isto é, servir a ela, estar com ela, ser fiel a ela. E este desejo de fidelidade, ela o leva ao extremo da doação total: ‘Só a morte pode separar a gente!’ Ora, um compromisso assim só amadurece lentamente no convívio diário, onde se partilham as alegrias e as tristezas da caminhada”¹².

Em Rt 1,14, a raiz da palavra em hebraico *dbq* (???), traduzida aqui¹³ como companhia, é a mesma usada em Gênesis 2,24 para expressar a união entre homem e mulher¹⁴.

“Elas choraram novamente em alta voz; depois Órfa abraçou sua sogra e voltou para junto de seu povo, mas Rute ficou em sua *companhia*.”

A declaração de Rute em 1,16s é uma promessa comovedora de fidelidade, amor e afeição e é considerada como uma das mais belas da sagrada escritura. Aliás, “esta passagem é frequentemente lida nos casamentos heteronormativos de hoje. Poucas pessoas percebem que esta declaração foi feita por uma mulher e dirigida a outra mulher”¹⁵.

“Não insistas comigo para que te deixe, pois para onde fores, irei também, onde for tua moradia, será também a minha; teu povo será o meu povo e teu Deus será o meu Deus. Onde morreres, quero morrer e ser sepultada. Que Iahweh me mande este castigo e crescente mais este se outra coisa, a não ser a morte, me separar de ti.”

Seria uma promessa de casamento? Se entendermos casamento como uma consumação pelo ato genital, com a finalidade de gerar filhos, então não podemos chegar a afirmar tanto. Mas, é sim, uma promessa de fidelidade, similar a qualquer casamento entre pessoas de sexos diferentes, inclusive com a particularidade de viverem juntas até que a morte as separe. Em toda a história da humanidade e em diversas culturas, não é este um ritual para que duas pessoas que se amam permaneçam juntas?

12. MESTERS, Carlos. *Op. Cit.* p. 28.

13. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 8ª impressão, 2000.

14. BOSWELL, JOHN. *Same-sex unions in Premodern Europe*. New York: First Vintage Books Edition, 1995, p. 137-138. STUART, Elizabeth. *Just good friends: towards a lesbian and gay theology of relationships*. London: Mowbray, 1995, p. 126-127.

15. HELMINIAK, Daniel A. *ibidem*, p. 118.

A ênfase no final do livro não acentua a relação entre Rute e Booz com um: “e foram felizes para sempre”, mas, sim, enfatiza a relação entre Noemi e Rute. É Rute que dá a Noemi o filho que ela não podia mais ter. A voz das mulheres é bem explícita ao dizerem:

“Bendito seja Iahweh, que não te deixou sem alguém para te resgatar; que o seu nome seja célebre em Israel! Ele será para ti um consolador e um apoio na tua velhice, pois quem o gerou é tua nora, que te ama, que para ti vale mais do que sete filhos” (Rt 4,14s).

Os autores (as) colocam na voz das mulheres o reconhecimento desta relação homoafetiva entre Rute e Noemi. Por que um grupo de mulheres reconheceria tal relação se ela não fosse tão intensa e pública? É Rute e não Booz que é mais valioso do que sete filhos. Os filhos são um sinal de proteção para as pessoas idosas da mesma forma que os homens são proteção para as mulheres na sociedade de Israel. Se trocássemos a palavra filhos por homens, não teríamos aí outra conotação?

Porém, partindo do que está explicitamente escrito no texto, não é possível afirmar claramente que o livro de Rute seja uma narrativa de uma relação homoerótica entre Rute e Noemi. Não há evidências para afirmar nem que sim, nem que não. Não podemos esperar que o texto expresse as relações homoafetivas e homoeróticas na linguagem clara que conhecemos hoje sobre esta temática. O texto hebraico é geralmente repleto de ambigüidades e nem sempre claro no que quer expressar.

“O texto hebraico é cheio de ambigüidades, talvez uma ambigüidade deliberada, para expressar o fato de que aqui nós temos a presença de um relacionamento significativo para o qual não há uma descrição de sentido estabelecido. De fato, o hebraico poderia querer dizer apenas o suficiente para tornar óbvio que houve um elemento sexual e não o suficiente para permitir que possamos ter a certeza sobre a exata natureza do relacionamento”¹⁶.

Mas, podemos apenas afirmar, pelo que o texto expressa, tratar-se de uma relação homoafetiva de grande intensidade, pois este livro fala de uma relação apaixonada de vida entre duas mulheres a qual a Bíblia muito elogia. Elizabeth Stuart propõe olharmos o texto bíblico não como a história de mulheres em busca de um marido que pudesse assegurar uma descendência para o falecido. Para ela, esse tipo de leitura só faz reforçar o patriarcalismo. Ela propõe lermos o texto a partir da condição de pobreza destas mulheres viúvas, cujo compromisso apaixonado de amor de uma para com a outra as motivam a ter o futuro em suas mãos¹⁷. Ela tenta demonstrar que “o relacionamento delas foi apaixonado, corporal e, portanto, sexual no sentido mais amplo deste termo”¹⁸. O seu foco de leitura concentra-se na qualidade apaixonada dos relacionamentos e não no discurso sobre atos genitais.

16. STUART, Elizabeth. *Op. Cit.*, p. 136.

17. Idem, *ibidem*. p. 127.

18. Idem, *ibidem*. p. 137.

“A ambigüidade sexual é virtualmente ausente na estória de Rute e Noemi. Porém, mais uma vez, é a história de uma amizade entre duas pessoas do mesmo sexo na qual nós procuramos evidências de mutualidade, paixão e justiça. É a estória de mulheres desafiando todo tipo de convenção social e religiosa para, juntas, suportarem e tornarem seguro seu futuro”¹⁹.

A hermenêutica da suspeita leva-nos a crer que se uma relação homoerótica estivesse tão clara neste livro, provavelmente ela não teria sido aceita no cânon judaico e isto pode ter levado os autores/as a disfarçarem suas supostas intenções em falar das relações homoeróticas. Aliás, malabarismos devem ter sido feitos, também, para que uma estrangeira tivesse entrado na linhagem de Davi em uma época quando os casamentos com estrangeiros não eram bem vistos pela comunidade judaica recém chegada do exílio babilônico. Claro que o cânon judaico também só foi definido séculos mais tarde e o fato de o livro apontar Rute como uma fervorosa prosélita, além de resgatar antigas leis patriarcais através de uma relação heteronormativa, deve ter contribuído muito para sua aceitação no cânon e encoberto as possíveis leituras homoeróticas deste livro.

3. Novos modelos, novas perspectivas

Rute e Noemi resgataram as leis do levirato, do resgate e do respigar na defesa de suas vidas e da perpetuação de sua família. Quais as leis hoje que podemos resgatar ou criar para a defesa das pessoas e de suas relações afetivas em um novo conceito de família? Será que não é possível reconhecer a presença de Deus nas relações homoeróticas do mesmo modo que vemos sua presença nas relações heteroeróticas?

Será que a lei de união civil entre pessoas do mesmo sexo não é um meio de garantir uma melhor qualidade de vida para tantas pessoas que já vivem uma relação homoerótica, baseada no compromisso de vida de uma pessoa para com a outra, mas que atualmente estão desamparadas perante as leis? Será que não é um meio para que pessoas do mesmo sexo se apoiem na construção de novos modelos de família? Acredito que a garantia legal e a proteção dessas relações podem garantir mais conforto para a vida conjugal dessas pessoas, além de contribuir com a diminuição da discriminação por preferência sexual. Como podemos negar, para uma minoria, direitos que já foram garantidos para uma maioria?

A evolução familiar restringiu as relações familiares, que antes abrangiam o clã, às famílias nucleares, compostas de duas a quatro pessoas. Isto foi uma revolução na sociedade pós-moderna que levou a uma desestruturação daquele modelo patriarcal no qual o número de filhos, especialmente masculinos, eram tão importantes para a sobrevivência e perpetuação da família. Creio que, para fortalecer as relações entre as pessoas e os sentimentos de pertença e aceitação em um grupo, deveríamos refletir sobre a ampliação do conceito de família além das relações heteronormativas e consanguíneas. O conceito de família deve ser ampliado além das relações andróginas e de

19. Idem, *ibidem*. p. 136.

suas crias. Este conceito deve começar a transcender estas barreiras até as relações afetivas verdadeiras. Relações entre pessoas do mesmo sexo, tendo estas conotações sexuais ou não, podem levar a um compromisso de responsabilidade para com o cuidado com o outro e a formação de novos modelos de família.

Muitos alegam que isto seria uma desestruturação do modelo de família tradicional. Mas temos que entender que não existe apenas um modelo de família. É exatamente na proteção da família que devemos entender a existência de diferentes modelos familiares, alguns dos quais já estão protegidos pelo Estado, como por exemplo: a união entre duas pessoas de sexos diferentes, que mantém vínculos afetivos e não têm “relações sexuais” do ponto de vista da penetração genital; os diversos casais que optaram por não ter filhos; as famílias compostas por mães ou pais solteiros e suas crias, consanguíneas ou não e os concubinatos e mais outros exemplos que poderíamos citar e que o Estado já protege, mas muitas igrejas ainda não as incluíram em seus sacramentos ou bênçãos.

O mundo não pode continuar mais vivendo estas dicotomias entre homens e mulheres, machos e fêmeas, heterossexuais e homossexuais. Isso só faz aumentar e perpetuar as diferenças entre incluídos e excluídos. Temos que olhar para as pessoas como seres humanos e valorizar suas relações de amizade, de afetividade, de compromisso mútuo e de corpo, como um meio para superarmos este fenômeno do dualismo.

Vivemos em uma sociedade religiosa muito falocêntrica. Ao mesmo tempo que é falocêntrica, é castradora das sexualidades, não permitindo que as pessoas expressem suas sexualidades de modo sadio, ou seja, sem culpa. O sentimento de culpa pode levar muitas pessoas à depressão ou ao suicídio, o que, por si só, já cria mais um problema de saúde pública. Também não estou me referindo ao extremo, do sexo pelo sexo. Estou falando da liberdade em exercer sua sexualidade. E liberdade implica consciência e responsabilidade pelos seus atos (1Cor 6,12).

4. Conclusão

Creio que o livro de Rute se identifica muito com a luta por melhores condições de vida da comunidade GLBT. Em uma sociedade que discrimina quem é diferente, é natural que estas pessoas se organizem na luta por seus direitos. “A luta de Rute e Noemi é um exemplo de como os marginalizados podem participar das mudanças sociais, pressionando as mudanças nas leis, na política, e apresentando soluções práticas nascidas de suas próprias realidades”²⁰.

Poderíamos começar a pensar que o Estado deveria também proteger as relações de pessoas do mesmo sexo, que mantém uma relação afetiva e que desejam juntas construir novos modelos de família. Na verdade, já estão surgindo dezenas de casos na justiça brasileira, pedindo o reconhecimento deste novo modelo de relação afetiva. E a justiça já tem concedido pensões, partilha de bens e heranças, em reconhecimento a

20. SILVA, J. Josélio. *Op. Cit.*, p. 50-53.

este vínculo afetivo. O problema ainda reside em que não temos leis claras que protejam este tipo de relação. Então, são relações que estão no limbo do Direito Positivo, pois ainda não são reconhecidas como união civil entre pessoas do mesmo sexo e nem se enquadram no conceito de casamento do Código Civil²¹. Quando falo de direitos, não estou esquecendo dos deveres. Falo em criar leis porque estou, exatamente, falando na regulamentação destes direitos e deveres.

Esse é um outro aspecto no qual podemos ler o livro de Rute: na defesa das relações entre pessoas do mesmo sexo, essa pode ser uma leitura animadora para uma comunidade que busca o reconhecimento legal de suas relações afetivas em igualdade de reconhecimento às relações heteroafetivas acobertadas pelo manto do casamento.

Também podemos fazer uma leitura positiva no sentido de valorizarmos as relações corpóreo-pessoais que são baseadas no amor, amizade, justiça, sinceridade, afeto, carinho, fidelidade e nas quais se enquadram muitas das relações homoafetivas e homoeróticas, encontrando assim traços da presença de Deus nestes relacionamentos humanos.

Bibliografia

- BENETTI, Santos. *Sexualidade e erotismo na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- BOSWELL, John. *Same-sex unions in Premodern Europe*. New York: Vintage Books, 1995.
- COSTA, Jurandir Freire. *A face e o verso – estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Editora Escuta, 1995.
- EILBERG-SCHWARTZ, Howard. *O falo de Deus e outros problemas para o homem e o monoteísmo*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- FEREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio do Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3ª edição, 2003.
- HELMINIAK, Daniel A. *O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade*. São Paulo: Summus, 1998.
- MESTERS, Carlos. *Rute*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- RIBAS, Mario. *The church in the closet*. Orgs. STUART, E.; WALTON, H.; LOUGHLIN G. *Theology & Sexuality, n. 10.2*. London: Continuum, 2004.
- SILVA, J. Josélio. *O livro de Rute, uma história de esperança*. São Leopoldo: CEBI, 2003.
- STUART, Elizabeth. *Just good friends: towards a lesbian and gay theology of relationships*. London: Mowbray, 1995.
- A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 8ª edição, 2000.
- Código Civil Brasileiro: LEI 10.046, de 10-01-2002*. São Paulo: Saraiva, 9ª edição, 2003.

José Josélio da Silva
joseliosilva@yahoo.com.br

21. Código Civil Brasileiro. Art. 1.514 da Lei nº 10.406, de 10/01/2002.